

MOBILIDADE NO ESPAÇO URBANO

COMPREENSÃO DOS ATRIBUTOS DO AMBIENTE ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DE INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

XXI Congresso de Iniciação Científica da Unicamp
T1134

Autores: Aluna: Mariana Bertani Baptista - mariberbap@yahoo.com.br

Orientadora: Prof.Dra. Nubia Bernardi - nubiab@fec.unicamp.br

FEC - UNICAMP

Financiamento: SAE/UNICAMP

Palavras-chave: Desenho Universal, Mobilidade Urbana, Orientação Espacial

Deficiência Visual, Tecnologias Assistivas

INTRODUÇÃO

No século XVIII surgem as primeiras preocupações dos profissionais da área de saúde para classificar as doenças. Entretanto, somente em 1948, durante a VI Revisão da Classificação Internacional de Doenças - CID-6 é que são feitas referências às doenças que exigiam atendimentos além dos cuidados médicos. Neste contexto o conceito do Desenho Universal é extremamente importante para a produção e adequação do espaço urbano para estes habitantes que apresentam necessidades diferenciadas e possuem habilidades outras para se locomover. A partir dos pressupostos de prover a equiparação do uso, a flexibilidade no uso (que deve ser simples e intuitivo), assegurar a percepção de informação e minimizar os riscos de acidentes, oferecendo um espaço para uso e interação que exija pouco esforço físico, o Desenho Universal é uma forma de conceber tais ambientes, produtos e meios de comunicação de modo a serem utilizados por todas as pessoas, com deficiência ou não, durante o maior tempo possível sem que haja a necessidade de adaptação ao meio ou ao objeto. O objetivo do Desenho Universal é beneficiar simultaneamente todas as idades e todas as capacidades. (STORY, 2001).

MÉTODO E ESTUDO DE CASO

A primeira etapa da pesquisa consistiu no levantamento e análise da bibliografia pertinente ao tema, e finalizou-se com um estudo de caso baseado no mapeamento sensorial, metodologia utilizada na pesquisa com o mapa tátil sonoro do Ciclo Básico da Unicamp (d'ABREU & BERNARDI, 2011) e adaptada da metodologia do mapeamento visual descrita por Rheingantz (2009), porém, direcionada a pessoas com deficiência visual. Pretendeu-se com esta experiência avaliar como instrumentos de apoio e os estímulos gerados pelo ambiente são apreendidos pelos usuários e qual a importância de tais instrumentos para a percepção em relação ao ambiente, utilizando parâmetros de localização, apropriação, demarcação de território, crítica às situações existentes e identificação de barreiras existentes. Rheingantz (2009) aponta diversos métodos de avaliação pós-ocupação que se mostraram úteis à pesquisa de campo realizada. Dentre os métodos, os que melhor se adaptaram ao intuito da pesquisa foram os métodos da **ENTREVISTA, APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS** e a **OBSERVAÇÃO INCORPORADA**. Para a realização do estudo de caso foram selecionadas instituições que tem como objetivo o aprendizado de mobilidade urbana de pessoas com deficiência visual. A instituição escolhida foi a ADEVISA (Associação dos Deficientes Visuais de Salto), cujos critérios de escolha e condicionantes foram: o acesso e a disponibilidade de visita; acesso prévio ao material gráfico da construção e do entorno e a segurança oferecida pelo local. Foram aplicadas entrevistas aos administradores, professores e alunos, e por fim, realizado um percurso urbano com os alunos, acompanhados pelo técnico de Orientação e Mobilidade, aplicando a técnica da Observação Incorporada proposta por Rheingantz(2009).

RESULTADOS

As visitas à Instituição ocorreram entre os meses de março e junho de 2013, de acordo com a disponibilidade dos alunos e dos professores de mobilidade. Nesse período além de se obter informações sobre o ensino de mobilidade urbana e sobre cada voluntário, através das Entrevistas e Aplicação de Questionários, o Estudo de Caso realizado com dois voluntários através do da Observação Incorporada apresentou os resultados contidos na tabela-resumo abaixo

ESTUDO DE CASO	voluntário 1	voluntário 2
Percurso realizado SEM a interferência da pesquisadora	Os ruídos se fizeram extremamente importantes na orientação, principalmente ao atravessar as ruas. Consertar os buracos no passeio e instalar um semáforo simples na rua mais movimentada melhoraria bastante o percurso, tornando-o mais rápido e seguro. As principais barreiras encontradas foram os buracos e o entulho na calçada. Para o voluntário o percurso seria impossível de ser realizado sem o apoio da bengala. O trecho da praça foi considerado o mais seguro, por apresentar um calçamento sem buracos e a sombra das árvores, que diminui a luminosidade percebida e torna o caminhar mais agradável.	Consertar os buracos no passeio é imprescindível para melhorar tanto o percurso realizado, como qualquer outro trajeto urbano. As principais barreiras encontradas foram os buracos na calçada. Para a voluntária o percurso seria impossível de ser realizado sem o apoio da bengala, e a presença de um guia vidente faria bastante diferença, pois a voluntária ainda sente dificuldade em caminhar sozinha. O percurso foi considerado fácil com alguns trechos complicados. E o trecho da praça foi considerado o mais seguro, por apresentar um calçamento liso.
Percurso realizado COM a interferência da pesquisadora	A diferença notada foi conversar, explicando as situações. A interferência da pesquisadora não facilitou e nem atrapalhou a realização do percurso. O voluntário gostou de participar da pesquisa, e sua opinião em relação a ela foi positiva.	A voluntária não notou diferença significativa, porque segundo ela, ela falou bastante com o instrutor, que interferiu diversas vezes para que a voluntária não se expusesse aos riscos. A interferência da pesquisadora não facilitou e nem atrapalhou a realização do percurso. Sua opinião em relação à pesquisa foi positiva

CONCLUSÕES

Ao final da pesquisa, foram obtidas informações valiosas ao aprendizado da mobilidade urbana, contribuindo para a inclusão socio-espacial e percepção do ambiente pelos deficientes visuais, coletando e analisando dados úteis ao desenvolvimento de novos equipamentos e de novos cuidados arquitetônicos, ampliando a pesquisa sobre orientação espacial e mobilidade urbana, de onde inferiu-se que os diferentes tipos de bengala são úteis em determinados tipos de piso (Bengala de ponta seca em ambientes desconhecidos, e a bengala roller em ambientes já conhecidos e planos), o guia vidente torna-se desnecessário se o deficiente puder contar com a bengala. O ambiente construído pode facilitar ou dificultar o deslocamento: calçadas com buracos, entulhos e ocupadas indevidamente obrigam o deficiente a alterar rotas e levar mais tempo para pesquisar onde pisar; muros são uma referência de segurança para o deficiente saber manter uma distância segura do tráfego de automóveis, bem como de portas abertas dos automóveis estacionados; as guias rebaixadas podem oferecer risco quando não sinalizadas, o deficiente visual percebe que chegou na esquina pelo aumento da circulação de ar, mas sem a indicação de piso tátil na guia rebaixada ele não consegue perceber onde a calçada acaba; o piso tátil é realmente muito útil desde que instalado em superfície homogênea, pois a instalação sobre pisos com ranhuras oferece risco ao invés de segurança, pois causa confusão de texturas e dificulta a identificação do piso tátil pelo deficiente visual.



PERCURSO REALIZADO

Percurso de ida - Saímos da instituição Adevisa (1) e caminhamos pela Rua Regente Feijó até a praça localizada na Rua Duque de Caxias, atravessando a Rua Floriano Peixoto;

Percurso de volta - Iniciou por dentro da praça, atravessamos a Rua Regente Feijó e voltamos para a instituição pela outra calçada, atravessando as Ruas Floriano Peixoto e Regente Feijó nos seus trechos mais movimentados

Legenda:

- 1 - Adevisa
- 2 - Praça
- Percurso de ida
- Percurso de volta
- tráfego intenso de automóveis e ônibus
- tráfego intenso de caminhões

IMAGENS DO ESTUDO DE CASO

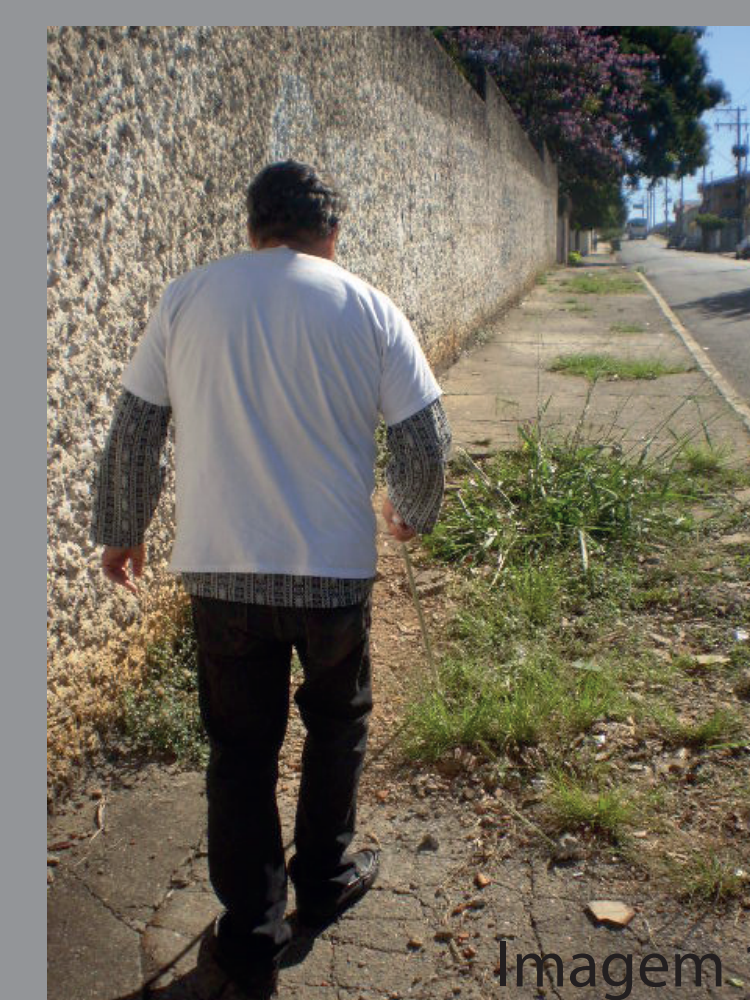


Imagem 1

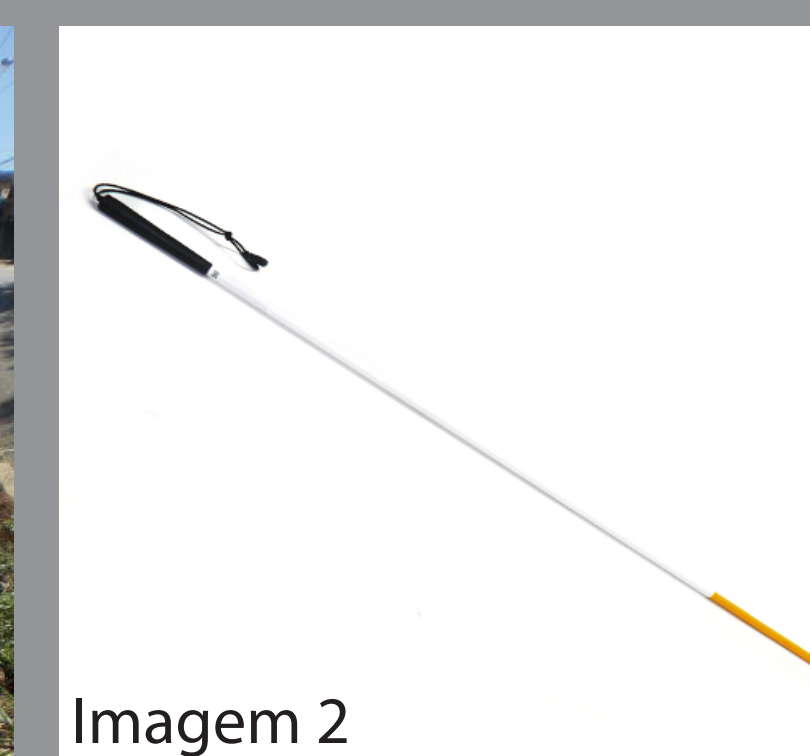


Imagem 2

Voluntário realizando percurso, utilizando a bengala de ponta seca. (imagem 1, foto: Mariana Baptista, 2013; Imagem 2, fonte: site Bengala legal)

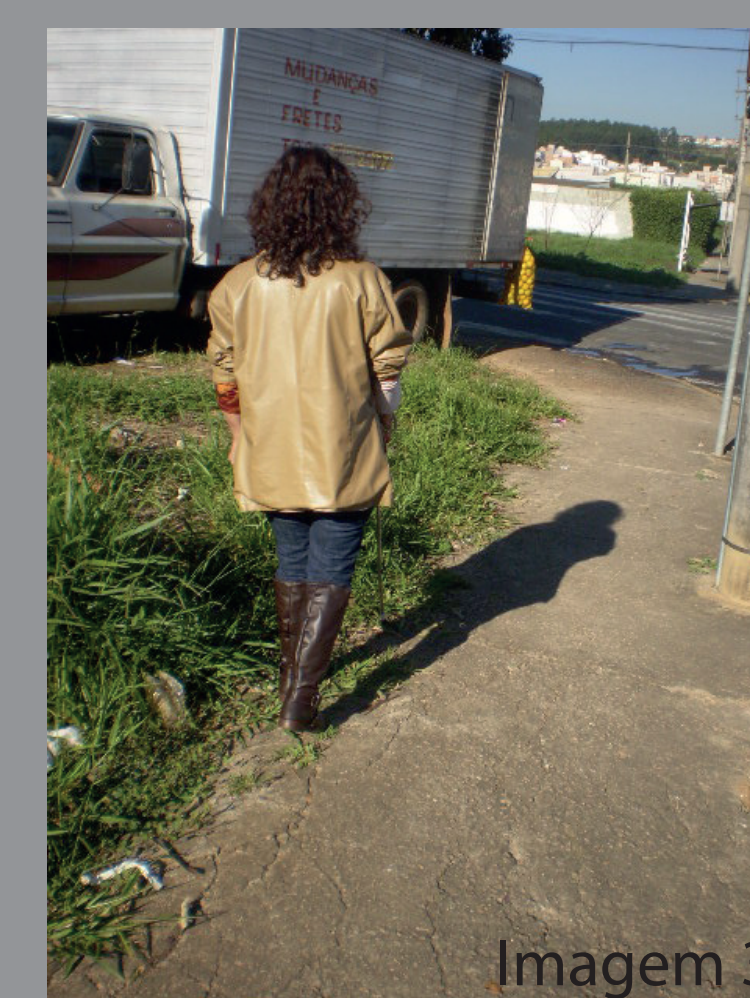


Imagem 3



Imagem 4

Voluntária realizando percurso, utilizando a bengala de ponta seca. (imagem 3, foto: Mariana Baptista, 2013; Imagem 4, fonte: site Bengala legal)

BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

D'ABREU, J. V. V.; BERNARDI, N. Orientação Espacial no Campus da Unicamp: Desenvolvimento de um mapa de uso tátil e sonoro como ferramenta de auxílio ao percurso do usuário Relatório de Pesquisa. Processo Fapesp: 2009/00216-8, 2011
REINGHANTZ, P.A.; AZEVEDO, G.A.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D.D.; QUEIROZ, M. Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação, ProArq. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura. Disponível em www.fau.ufrj.br/prolugar, 2009
STORY, M. F. Principles of Universal Design in PREISER, W. F. E.; OSTROFF, E (ed). Universal Design Handbook. New York: Mc-Graw-Hill, 2001

Agradecimentos: à Adevisa, coordenadores, professores e alunos que possibilitaram a realização do estudo de caso, à Professora Nubia, pela dedicação em orientar e ensinar, e ao SAE por financiar esta pesquisa